

# É MUITO POUCO!



Márcia Leite

## SINOPSE

Lúdico e divertido, este livro explora situações de oposição pensadas a partir do cotidiano da criança, mostrando que a noção de quantidade percebida pelas pessoas passa pela afetividade. Com delicadeza e criatividade, Márcia Leite leva o pequeno leitor a refletir sobre a questão de ponto de vista: o que parece pouco para uns pode ser muito para outros.

## PALAVRAS DO AUTOR

Nasci no século passado, na cidade de São Paulo, em 1960. Faz muito tempo! Mas para mim parece que faz pouco...

Eu era muito pequena quando aprendi a ler e a escrever com a ajuda da minha avó e de letras de plástico coloridas. Eu era muito curiosa e não via a hora de poder ler sem a ajuda de ninguém. Mais tarde eu me tornei professora e também pude ajudar muitas crianças a lerem suas primeiras histórias sozinhas.

Eu estava na escola quando descobri que escrever podia ser tão divertido quanto ler. Depois que cresci, comecei a escrever para crianças e adolescentes. Gostei tanto que nunca mais parei. Hoje tenho muitos livros publicados por várias editoras, mas ainda acho que é muito pouco. Quero escrever muitas outras histórias.

Eu me diverti muito enquanto escrevia *É muito pouco!*. Queria mostrar como as quantidades podem ser percebidas de diferentes maneiras, e, para isso, brinquei com várias situações que acontecem no dia a dia das crianças.

Agora eu estou bem curiosa: será que as crianças vão gostar muito ou pouco deste livro?

## FICHA TÉCNICA

Ilustrador: Orlando

Formato: 20 x 20 cm

Número de páginas: 24

Coleção: *De fio a pavio*

ISBN: 978-85-7472-911-4

Indicação: A partir de 3 anos

# É MUITO POUCO!



Márcia Leite

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

*Parâmetros Curriculares Nacionais*

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

# É MUITO POUCO!



Márcia Leite

## FORMAÇÃO DO LEITOR

### PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

# É MUITO POUCO!



Márcia Leite

## EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

# É MUITO POUCO!



Márcia Leite

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

# É MUITO POUCO!



Márcia Leite

## EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

# É MUITO POUCO!



Márcia Leite

## BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.

O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.

◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998. p. 151-170.

Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.

◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: \_\_\_\_\_. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.

Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.

◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.

De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).

◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.

O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

# É MUITO POUCO!



Márcia Leite

## PROPOSTA DE TRABALHO

### ANTES DA LEITURA

1. Apresente o título do livro e explore o seu significado. O que será que é muito pouco? Para os alunos, o que pode significar “muito pouco”? Comente que os conceitos *pouco* e seu oposto, *muito*, são relativos: o que é pouco para alguns, pode ser muito para outros. Peça que observem a ilustração da capa e a feição das crianças e que tentem imaginar o conteúdo da história.

2. O professor poderá fazer uma brincadeira antes de iniciar a leitura do livro. Aproveitando que no enredo aparecem os conceitos *muito* e *pouco*, proponha uma atividade de estimar quantidades. Por exemplo: encher um potinho com tampinhas de garrafas e uma bacia grande com bolas de tamanho médio. Então, pergunte em qual dos recipientes existe o maior número de objetos: o das tampinhas ou o das bolas?

O pote das tampinhas é menor, mas contém maior número de tampas do que a bacia de bolas, que é bem maior, porém com menor número de bolas.

Esta sugestão pode criar uma expectativa em relação ao que vão encontrar na leitura.

### DURANTE A LEITURA

1. Proponha aos alunos que folheiem o livro e que analisem a feição das crianças, ora de alegria, ora de tristeza, dor ou frustração. Isso tem algo a ver com o título?

2. Quando passar à leitura, questione o grupo sobre o que é pouco e o que é muito no contexto da obra. Pergunte aos leitores: qual das situações apresentadas no livro você considera ser a mais difícil ou a mais chata? Brincar somente uma hora no parque? Engolir duas colheres de xarope amargo? Comer apenas cinco pipocas que sobraram na panela? Deixe que cada um manifeste sua opinião.

3. Leve os leitores a perceberem que a literatura trabalha, muitas vezes, com aspectos simples do cotidiano, o dia a dia é ressignificado pelo olhar literário, que transforma situações aparentemente irrelevantes em prosa e poesia. Como os alunos enxergam a construção de um texto com mordidas de cachorro, colheres de xarope, picadas de mosquito, etc? Isso também é assunto para literatura?

4. Sugira às crianças que criem situações semelhantes às do livro, trabalhando, tal como a autora, com as ideias de pouco/muito. Por exemplo: passar 20 minutos resolvendo exercícios de matemática pode ser algo que demora muito para acabar, porém 20 minutos de recreio acabam bem rápido. Em seguida, cada dupla apresenta para o grupo as situações que imaginou. É possível montar um painel para expor na sala, ampliando assim as possibilidades exploradas no livro.

5. Nas páginas 16 e 17, há mudança no tamanho das fontes em “É BEM pouquinho” e “É muita, MUITA injustiça!” O que isso significa? Que função tem a escrita com letras maiores? Peça aos alunos que leiam essas passagens em voz alta, para perceberem o recurso de

# É MUITO POUCO!



Márcia Leite

ênfase. Solicite que façam o mesmo com outras partes do texto, chamando atenção para o efeito que isso promove na leitura.

6. Trabalhe a forma como são representados o cheiro ruim, a bronca, o voo do pernilongo, o tempo de espera para a festa de aniversário. Essas ilustrações contribuem para a leitura? Elas acrescentam algo àquilo que é expresso pelo texto verbal?

## DEPOIS DA LEITURA

1. Para estabelecer um diálogo com o livro *É muito pouco!*, de Márcia Leite, sugere-se a leitura da obra *O frio pode ser quente?*, de Jandira Masur. De modo lúdico e divertido, ambos os livros envolvem o conceito de relatividade, levando a criança a refletir sobre determinadas situações de acordo com diferentes pontos de vista.

O diálogo pode ser estabelecido, por exemplo, a partir da leitura das páginas em que se brinca com o número 2, no livro de Márcia Leite, e da comparação entre a colher cheia de doce e a cheia de remédio, do livro de Jandira Masur. O mesmo elemento – a colher com remédio ou com xarope amargo – é que leva à relativização dos conceitos de muito/pouco e grande/pequeno, respectivamente.

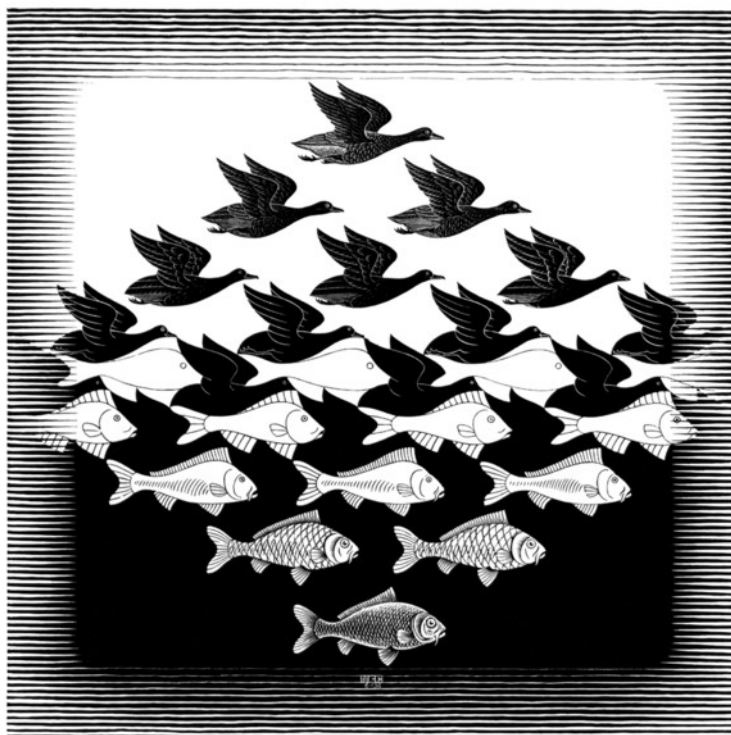
Outra semelhança entre as obras é o trabalho com o tempo. Enquanto *O frio pode ser quente?* contrasta a duração dos dias da semana com a duração do domingo, e relativiza as noções do que seja ontem, hoje ou amanhã, *É muito pouco!* nos conduz a pensar sobre a duração de uma hora e de três dias, que podem ser muito longos ou curtos, dependendo do que se faz e do que se espera.

# É MUITO POUCO!



Márcia Leite

2. Pode-se propor a leitura da obra de arte de M. C. Escher, a qual pode ser exibida aos alunos e interpretada por eles, primeiro individualmente, depois coletivamente.



ESCHER, Maurits Cornelis. *Céu e água I*. 1938. 1 xilogravura: p & b; 44 x 44 cm. Cordon Art, Baar, Holanda.

Trata-se de uma figura composta por duas imagens: são peixes em meio a pássaros, ou pássaros em meio a peixes? Aquilo que é “selecionado” pelos olhos é que revela qual é a figura. Estimule a compreensão de que tudo depende da perspectiva com que se observam as coisas, estabelecendo um diálogo com o livro de Márcia Leite. O mesmo exercício de olhar pode ser empregado na leitura das situações cotidianas exploradas em *É muito pouco!*, levando as crianças a refletir sobre diferentes pontos de vista. Outras figuras ambíguas podem ser utilizadas, contanto que se mantenha a proposta de exercitar o olhar diferente para o mesmo objeto ou acontecimento.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes, Elis Carrijo Guimarães, Gilmara Falk Ferreira Brunetto, Lorena Ostrovski e Luciana Princival Ivankio